

## *O diálogo entre religião e ciência: a propósito de um documentário da Associação Brasileira Cristãos na Ciência*

Abdruschin Schaeffer Rocha <sup>1</sup>

Kenner Roger Cazotto Terra <sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v12i36.48485>

**Resumo:** O artigo analisará o documentário produzido em 2017 pela Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>), intitulado como “O Diálogo Entre Fé Cristã e Ciência no Brasil”. Depois da inserção do vídeo no contexto da organização responsável por sua produção, o artigo avaliará o conteúdo do documentário a partir das discussões recentes sobre o assunto, o que permitirá observá-lo com instrumentos das teorias do discurso. Nesse sentido, serão examinadas a visão de mundo pressuposta pelos enunciadores do vídeo, suas perspectivas em relação às ciências bíblicas e a maneira como tratam esse diálogo anunciado no título do projeto. Por sua forte tendência reformada e traços teológicos neo-calvinistas, o documentário possui características conservadoras e reduz os parceiros de diálogo aos mais adequados à fronteira teológica anunciada em seu estatuto. A análise delimitar-se-á ao documentário e, portanto, não se preocupará com toda a produção da ABC<sup>2</sup>.

**Palavras-Chave:** Ciência; Fé; Religião; Associação Brasileira Cristãos na Ciência; Diálogo

### **Dialogue between religion and science: about a documentary of the Brazilian Association of Christians in Science**

**Abstract:** The article will analyze the documentary produced in 2017 by the Brazilian Association of Christians in Science (ABC<sup>2</sup>), entitled "The Dialogue Between Christian Faith and Science in Brazil". After putting the video in the context of the organization responsible for its production, the article will evaluate the content of the documentary from the recent discussions on the subject, which will allow to observe it with instruments of discourse theories. In this sense, the world view presupposed by the video enunciators, their perspectives on the biblical sciences, and the way they deal with this

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela PUC-RIO. Professor do curso de Graduação em Teologia e do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.. Email: [abdrus@gmail.com](mailto:abdrus@gmail.com). Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7702-8392>

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Religião pela UEMESP. Professor no curso de Graduação em Teologia e no Programa de Pós-Graduação stricto sensu da Faculdade Unida de Vitória. Email: [kenner@faculdadeunida.com.br](mailto:kenner@faculdadeunida.com.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2007-6745>

dialogue announced in the title of the project will be examined. Considering its strong reformed tendency and neo-Calvinist theological traits, the documentary has conservative characteristics and reduces the dialogue partners to those most adequate to the theological frontier announced in its statute. The analysis will be delimited to the documentary and therefore will not worry about the entire production of ABC<sup>2</sup>.

**Keywords:** Science; Faith; Religion; Brazilian Association of Christians in Science; Dialogue

### **El Diálogo entre religión y ciencia: a propósito de un documental de la Asociación Brasileña Cristianos en la Ciencia**

**Resumen:** El artículo analizará el documental producido en 2017 por la Asociación Brasileña de Cristianos en la Ciencia (ABC<sup>2</sup>), titulado como "El Diálogo Entre Fe Cristiana y Ciencia en Brasil". Después de la inserción del vídeo en el contexto de la organización responsable de su producción, el artículo evaluará el contenido del documental a partir de las discusiones recientes sobre el tema, lo que permitirá observarlo con instrumentos de las teorías del discurso. En ese sentido, serán examinadas la visión de mundo presupuesta por los enunciadores del video, sus perspectivas en relación a las ciencias bíblicas y la manera como tratan ese diálogo anunciado en el título del proyecto. Por su fuerte tendencia reformada y rasgos teológicos neo-calvinistas, el documental posee características conservadoras y reduce a los socios de diálogo a los más adecuados a las fronteras teológicas anunciadas en su estatuto. El análisis se delimitará al documental y, por lo tanto, no se preocupará con toda la producción de ABC<sup>2</sup>.

**Palavras-Clave:** Ciencia, Fe, Religión, Asociación Brasileña Cristianos en la Ciencia, Diálogo

*Recebido em 25/06/2019 - Aprovado em 30/08/2019*

### **Introdução**

Pensar a relação entre ciência e religião requer que se identifiquem os vários modos possíveis de se participar dessa empreitada, cada um com seu grau de legitimidade. Nesse sentido, três grupos se distinguem: os cristãos em geral ou cidadãos comuns, que consomem subprodutos da religião e da ciência,<sup>3</sup> os pastores-padres-sacerdotes e cientistas que lidam instrumentalmente com a religião e a ciência e, finalmente, aqueles que lidam com essas instâncias teoricamente. Os primeiros são, de um lado, cristãos que se deixam conduzir por determinadas tradições e teologias e consomem os seus subprodutos, seja consciente ou inconscientemente; de outro, são os que absorvem o que

<sup>3</sup> A designação “cristãos em geral” e “cidadãos comuns” aqui cumpre apenas a função de distinguir o modo como esses atores consomem os subprodutos da religião e da ciência, sem negar, entretanto, o fato de que o primeiro grupo inevitavelmente está subsumido ao segundo.

resulta dos saberes testados, tornados ciência e finalmente disponibilizados em forma de produtos consumíveis. São a ponta final do processo e, em geral, são alheios a tudo o que extrapola o produto consumido, tais como os saberes mobilizados, as técnicas usadas ou mesmo os motivos políticos através dos quais tanto religião como ciência se efetivam.<sup>4</sup> Por outro lado, apesar do desconhecimento teológico e científico, em certo sentido são aqueles que justificam a própria teologia e ciência, no final das contas. São indivíduos que formam as sociedades para as quais se destina a verdadeira vocação desses saberes.

Em segundo lugar, temos aqueles que lidam no dia-a-dia com a operacionalização do instrumental teórico-prático com vistas a certos objetivos. Trata-se dos “operadores da religião”, por um lado — pastor, padre ou sacerdote —, e dos “operadores da ciência”, por outro. No contexto da religião, é possível ainda encontrar aqueles ditos teólogos que, na verdade, comprometem-se, sobretudo, com uma teologia confessional, facilmente traduzível pastoralmente. No caso dos cientistas, é irrelevante se se trata de ciência pura ou ciência aplicada. De modo geral, são aqueles que dominam as técnicas e o método a partir do qual conduzem seus rebanhos ou seus experimentos científicos. Partem do pressuposto de que o paradigma é correto e, então, apenas aprendem a lidar com suas ferramentas sem a preocupação de se são as melhores ou mesmo se o horizonte a partir de onde são usadas é o melhor. Questões éticas, crises latentes ou mudanças que se insinuam no horizonte dificilmente são sentidas por esses “operários” da religião e da ciência.

Finalmente, temos aqueles que lidam teoricamente com a religião e com a ciência. Por um lado, trata-se do teólogo acadêmico ou do cientista da religião, que não poderiam ser confundidos com o teólogo que opera exclusivamente comprometido com sua fé, por mais que uma fé professada seja algo legítimo a qualquer teólogo. Por outro lado, o teórico da ciência não pode ser confundido com o cientista-operário que trabalha com ciência pura em contraposição à ciência aplicada.<sup>5</sup> Normalmente são teólogos, cientistas da religião, teóricos ou filósofos da ciência que pensam os seus campos para além do modo como são manipulados os respectivos saberes, tanto na prática pastoral como numa prancheta ou laboratório. São aqueles que, portanto, conseguem olhar a religião e a ciência “de fora”, avaliar a tradição e o paradigma, identificar fragilidades teóricas que, mesmo que não comprometam o cotidiano da tradição ou da pesquisa em curto prazo, podem determinar para onde a instituição está caminhando. Normalmente,

<sup>4</sup> Em termos de ciência, a expressão “motivos políticos” aqui está sendo usado no sentido dado por Hilton Japiassu (Cf. JAPIASSU, 2011, p. 51-91).

<sup>5</sup> Tanto os que lidam com ciência pura como os que a tratam do ponto-de-vista de sua aplicação situam-se no segundo grupo, aqui tratados como os “operacionalizadores” da ciência.

também, são aqueles que conseguem avaliar melhor os pressupostos sobre os quais religião e ciência se constroem.

Quando consideramos o debate sobre a relação entre ciência e religião, é preciso legitimar todos esses atores que estão ali implicados, de alguma forma. Daquelles que refletem criticamente as tradições e o horizonte a partir do qual se instauram até os que consomem os subprodutos dessa reflexão, todos são importantes e não podem ser perdidos de vista no diálogo. Entretanto, é preciso considerar o fato de que não são os cristãos ou pessoas comuns em geral, ou mesmo os “operadores” da religião e da ciência os melhores a avaliar a relação desde os seus pressupostos e suas implicações político-ideológicas, pela própria natureza de cada grupo, assim como aqui foram classificados. Embora o modo como se concebe a relação seja pertinente à sociedade em geral, além de ser de fundamental importância o trabalho de quem faz a tradução ou disponibiliza os saberes em forma de produtos para essa sociedade, há de se conceder um lugar de considerada importância àqueles sobre os quais repousa a difícil tarefa de pensar a relação desde fora, desde a crítica aos instrumentos, pressupostos, metodologias, modelos etc. Somente uma reflexão mais crítica da religião e da própria ciência, que considere o seu *telos* ao mesmo tempo em que o transcende, é capaz de cumprir essa empreitada.

É imbuído dessa perspectiva que o presente artigo se propõe a analisar criticamente o documentário produzido, em 2017, pela Associação Brasileira Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>). Inicialmente, pretende-se esboçar o “Diálogo Entre Fé Cristã e Ciência no Brasil” — título dado ao documentário — no contexto da ABC<sup>2</sup>, considerando sua proposta, as implicações dos limites anunciados para a discussão e os seus principais temas. Em seguida, o artigo ensaia uma análise que considera alguns temas do documentário no limite entre o diálogo e a “colonização dos saberes”. Finalmente, propõe-se uma análise do discurso dos elementos bíblicos que ali estão implicados.

Ressalta-se que a despeito de se apresentar na primeira parte do artigo considerações sobre a ABC<sup>2</sup>, sua pertinência se justifica meramente na necessidade de contextualização, delimitando-se nossa análise apenas ao documentário, por se considerar sua capilaridade, ou seja, sua capacidade de maior presença pública.

### ***1. “O diálogo entre fé cristã e ciência no Brasil” no contexto da ABC<sup>2</sup>***

Na primeira parte do texto, apresentaremos a instituição que produziu o documentário “O Diálogo entre Fé Cristã e Ciência no Brasil”. Inserida no contexto das discussões entre ciência e fé, a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>) apresenta-se como lugar privilegiado para o encontro desses dois horizontes de saberes e se propõe a produzir trabalhos acadêmicos, nos quais Cristianismo e ciência são tratados acuradamente, especialmente enquanto instâncias intercambiáveis que se provocaram

mutuamente no decorrer da história. Por vezes, ciência e instituição religiosa não foram boas parceiras de diálogo e pendularam entre a negação e desinteresse mútuo. A ABC<sup>2</sup>, declaradamente confessional,<sup>6</sup> procura visibilizar pesquisas, traduzir textos e produzir material, acadêmico e midiático, sobre a temática do seu epíteto.

### **1.1 A ABC<sup>2</sup> e sua proposta**

Ainda são relativamente raras no Brasil as iniciativas institucionais que se propõem a contribuir de forma relevante e saudável para o estabelecimento do diálogo entre religião e ciência. Nesse sentido, é extremamente significativo o propósito a partir do qual se constrói a Associação Brasileira Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>), instituição que nasce a partir da iniciativa da Associação Kuyper para Estudos Interdisciplinares (AKET) e recebe o apoio da Templeton World Charity Foundation (TWCF). Seu propósito é criar possibilidades de sentido entre essas duas instâncias, a fé cristã e a ciência, a partir da promoção de um diálogo que seja aberto, honesto e respeitoso, de forma a considerar a soberania das respectivas esferas e as finalidades que as perpassam. Eles mesmos descrevem sua missão e propósito da seguinte maneira:

promover a comunicação e a integração entre a comunidade cristã e o campo científico no Brasil, por meio da constituição da **Associação Brasileira de Cristãos na Ciência**. A Missão da ABC<sup>2</sup> é, portanto, operar como **uma embaixada de sentido entre o universo da fé cristã e o universo da ciência**. Nesta qualidade, ela promoverá o diálogo aberto, honesto e respeitoso entre estes dois campos, tendo sempre em conta a liberdade e a soberania das respectivas esferas sociais e as finalidades intrínsecas e próprias de cada esfera, mas buscando o avanço do conhecimento integral acerca do homem e sua relação com Deus e a natureza, a partir de uma perspectiva cristã (ABC<sup>2</sup>, *Quem somos*, 2019).

A Associação é declaradamente formada por pesquisadores/as próximos das duas áreas (cristianismo e ciência), com ou não formação acadêmica específica na área. Eles admitem receber apoio de uma instituição internacional (TWCF) e demonstram no

---

<sup>6</sup> Confessionalidade aqui significa um conjunto de saberes a partir do qual pesquisador ou grupo produzem conhecimento, compreendem a realidade ou atuam no mundo da vida em suas múltiplas dimensões.

discurso preocupações pastorais: falam em comunidade cristã, comunicação e interação, além do fato de alguns proponentes também se intitulem pastores. Na apresentação disponível no site da ABC<sup>2</sup>, no decorrer da apresentação, afirma-se o interesse “do testemunho cristão e a teologia pública, por um lado, e o ensino e a divulgação científica de forma contextualizada ao universo da fé, por outro”. Ou seja, por fim, o sucesso do projeto será medido não pela evolução de algum tema científico ou desenvolvimento da academia, mas, a partir da capacidade de a fé se relacionar com a ciência e o fiel testemunhar seu teísmo em diálogo com os estatutos da ciência. Essa proposta fica ainda mais nítida quando se explica a “missionalidade” da ABC<sup>2</sup>: “encorajar cristãos engajados na atividade científica a manter uma fé pessoal ativa e comprometida com a igreja local e com a comunidade intelectual cristã [...] e a comunicar o evangelho na comunidade científica” (ABC<sup>2</sup>, *Quem somos*, 2019).

Na descrição também é possível identificar a perspectiva da relação entre ciência e fé na qual a Associação se estabelece. Ao enfatizar o diálogo, a ABC<sup>2</sup> afasta-se do paradigma do conflito, difere da proposta de relação de independência e privilegia a interação construtiva entre ciência e fé, embora pareça não considerar todas as implicações dessa interação. Ao citar o “respeito da soberania das respectivas esferas”, o grupo se alinha ao neo-calvinismo kuyperiano.

a Soberania do Deus Trino sobre todo o cosmos, em todas as esferas e reinos, visíveis e invisíveis [...] uma soberania primordial que se irradia na humanidade numa tríplice supremacia, a saber: 1. A Soberania no Estado; 2. A Soberania na Sociedade; e 3. A Soberania na Igreja (KUYPER, 2003, p. 86).

Segundo Kuyper, cada esfera tem seus desafios, autoridade e regência próprios, mesmo que possam se inter-relacionar. Deus é o criador de todas as coisas e cada esfera é responsável por determinadas ações e funções, sob a providência de Deus. Por isso, a esfera da ciência tem seu *modus operandi* e deve ser respeitada à luz de sua dinâmica interna sem ser sobreposta, o que poderia também ser aplicado à esfera religiosa. Dessa forma, dizendo respeitar esses espaços de atuação, os membros da Associação farão o diálogo a fim de alcançarem o “conhecimento integral acerca do homem e sua relação com Deus e a natureza”, evidenciando o lugar teológico do projeto. Ainda, quando a descrição afirma que a proposta é “estimular a contemplação da beleza e da glória de Deus na Criação por meio da ciência e o cultivo da gratidão e da oração no dia a dia da academia e do laboratório”, fica evidenciado o horizonte da teologia natural eivada de piedade cristã,

cujas expressões estabelecidas a partir da observação científica da natureza levaria, em última instância, até o Criador. No estatuto, eles indicam seus pressupostos e confessam tratar a Bíblia como Palavra de Deus, o que os insere em uma perspectiva mais conservadora em relação às ciências bíblicas que, aliás, não parecem ser levadas em conta em sua compreensão da relação entre ciência e religião. Além disso, confirmam os credos apostólicos e, conseqüentemente, defendem que “ao criar e preservar o universo, Deus conferiu a ele ordem e inteligibilidade contingentes, as quais são basilares para a investigação científica” (ABC<sup>2</sup>, *Estatuto social*, 2019). Essa afirmação oferece pistas a respeito da relação entre ciência e fé estabelecida entre os membros da Associação. Ou seja, nesse sentido, a ciência seria o instrumento para descrição da natureza organizada por Deus cuja inteligibilidade o pressupõe.

### **1.2 A amplitude do diálogo entre Fé Cristã e Ciência no Brasil**

O título do documentário anuncia “O diálogo entre fé cristã e ciência no Brasil”, o que sugere um estado da arte nos limites epistemológicos e geográficos indicados. Entretanto, apresenta-se um grupo muito restrito, supostamente formado por representantes desse diálogo, todos circunscritos a um horizonte muito homogêneo e específico da tradição cristã no Brasil. Quando se está diante da proposta esboçada no título, surge a expectativa de se ouvir sobre o real estado em que o diálogo entre Religião e Ciência se encontra em nosso país. Mas, apesar disso, ausenta-se flagrantemente da discussão posições alternativas às propostas esboçadas que, conquanto não sejam incluídas no documentário, todavia, compõem o seu *status questionis* no Brasil. Não se verificam, por exemplo, posições teológicas que tendem a um diálogo mais amistoso com posições neodarwinistas (pelo menos essas posições não se fazem notar no documentário). Não se incluem perspectivas que se constroem na abertura da teologia e da religião aos parâmetros da ciência contemporânea, em sua perspectiva crítica ao criacionismo ou ao conservadorismo cristão. Nesse sentido, a teologia com a qual se trabalha também não é representativa da teologia brasileira, em seus variados matizes. O diálogo pretendido não considera posições advogadas por agnósticos ou críticos do cristianismo. Finalmente, não se faz menção a toda a tradição que se construiu nos últimos quarenta anos no Brasil, sob o signo das Ciências da Religião que, declaradamente, afasta-se da posição apologetica pressuposta pela ABC<sup>2</sup>.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> A disciplina Ciências da Religião dedica-se ao estudo histórico e sistemático das religiões em sua concreticidade e em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais, e o faz de maneira não normativa. Indispensável para uma compreensão da relação entre ciência e fé, tal disciplina “não instrumentaliza seus objetos em prol de uma apologia a uma determinada crença privilegiada pelo pesquisador” (USARSKI, 2016, p. 51). Tal “indiferença” em relação ao seu objeto

Poder-se-ia argumentar que o diálogo não pretende focar, necessariamente, a relação entre religião e ciência, mas, sobretudo, a relação entre ciência e fé cristã, distinguindo-se uma abordagem mais acadêmica de uma perspectiva mais pastoral e evangélica, preocupada com os resultados práticos do debate para a fé cristã. Entretanto, o documentário esboça pretensões de um diálogo mais técnico, a julgar por elementos teóricos alçados por alguns proponentes. Além disso, mesmo que o trato fosse apenas pastoral, ainda assim permaneceria a importância e inevitabilidade das implicações da discussão acadêmica séria para a fé cristã, não apenas em seu sentido institucional, mas, também, existencial.

No final do documentário resta uma sensação estranha de que o vídeo não chega (ou não trata de maneira direta) ao centro de sua maior questão: o diálogo entre “ciência e fé no Brasil”. É repetido por diversos entrevistados que há uma necessidade urgente de aproximação, de diálogo, do estabelecimento de uma “ponte”. Contudo, ao final, não se indica, nem se rascunha como seria esse diálogo, os espaços para sua realização, os tipos de dificuldade que deveriam ser vencidos em termos de método e aplicação de referenciais teóricos etc. Não há exemplos práticos que cumpram vislumbrar a possibilidade de engajamentos públicos em prol da sociedade brasileira, para além dos meros compromissos institucionais.

Além disso, é importante levar em conta o discurso do texto,<sup>8</sup> a fim de se considerar o documentário a partir da amplitude do diálogo entre ciência e fé no Brasil. Seguindo a escola francesa de Análise do Discurso,<sup>9</sup> percebe-se, pelo menos em dois ou três momentos do vídeo, a identificação dos membros da ABC<sup>2</sup> como personagens aptos para serem os protagonistas do diálogo indicado no título do documentário. Tal leitura é possível quando a voz narrativa do vídeo repete por várias vezes o mote da atual necessidade de cientistas e/ou pensadores cristãos capacitados e proeminentes cumprirem a missão do diálogo “ciência e fé” e, concomitantemente, no mesmo enquadramento voz-imagem, aparece os membros desse grupo falando ou em performance de reunião.

O documentário, mesmo curto, considerado por meio da relação imagem-narrativa, mostra-se propagandista e acaba defendendo a Associação e seus membros como representantes principais da temática. Além disso, as parcerias e relações institucionais do grupo são todas com fomentos internacionais. No vídeo não são citados

---

de estudo é de vital importância e, embora se distinga da Teologia também nesse aspecto, não deveria ser ignorada quando se trata de mostrar o estado em que o diálogo se encontra no Brasil.

<sup>8</sup> Aqui se pressupõe a diferença entre texto e discurso à luz da Análise do Discurso. Cf.: FIORIN, 2012. p. 146-165.

<sup>9</sup> Cf.: TERRA, 2018, p. 1085-1106.

programas, universidades, organizações de amparo à pesquisa ou qualquer instituição brasileira. Além disso, alguns dos personagens não possuem em seu currículo lattes — como é o caso de Ziel Machado — qualquer envolvimento em nível nacional com a temática. Portanto, a despeito da amplitude anunciada, o documentário parece tangenciar apenas unilateralmente o real estado em que se encontra o diálogo entre fé cristã e ciência no Brasil.

### 1.3 O documentário

O vídeo “O Diálogo Entre Fé Cristã e Ciência” foi postado no canal “Cristãos na Ciência”, no Youtube, em 2017 (29m46s). Produzido pela Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>), o gênero é identificado como “documentário”. Bakhtin, estendendo o conceito formalista de gênero, apresentará o *gênero do discurso*. O pesquisador russo afirma:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, aos quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

Para essa perspectiva, a comunicação, mesmo que dinâmica, tem *relativa estabilidade*. Dessa forma, a heterogeneidade dos discursos exigirá ao analista flexibilidade metodológica. Bakhtin propõe a diferenciação entre gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos): aqueles são as expressões do cotidiano, da comunicação discursiva imediata, enquanto estes surgem nas condições culturais mais

organizadas, estáveis e desenvolvidas (romances, dramas, pesquisas científicas etc.) (BAKHTIN, 2003, p. 263). O gênero documentário pode ser identificado como secundário e propõe maior narratividade, sistematização e estabilidade. Giovana Ruaro define o gênero documentário como segue:

Um dos conceitos de documentário é: a representação do real através de um meio – a câmera. Representar é tornar presente algo ausente. O que a câmera capta é o mundo, o “momento da tomada”, a presença de algo ou alguém, tudo isso dentro de uma perspectiva, que é o campo de visão que a câmera permite. O documentário não é um filme com acesso especial à realidade, mas fala do mundo “através de vozes e estilos próprios, e que determina um tipo especial de relação espectral fundamentalmente nas expectativas e emaranhados éticos que cercam o filme documental” (RUARO, 2007, p.6).

O documentário pretende, por sua forma e conteúdo, ser objetivo e ter referencialidade direta. Todavia, ele é determinado pela expectativa, foco e contexto dos organizadores do material. Por isso, o documentário da ABC<sup>2</sup> é resultado de pressupostos teológicos e ideológicos. Ele é um discurso sobre o tema e o faz usando a representação e presentificação da realidade segundo as lentes da “câmera cristã”. O documentário segue a metodologia de entrevistas, nas quais cientistas cristãos, pastores e teólogos dão suas respectivas opiniões a respeito do tema. Como é de se esperar, em sua maioria, são de tradição batista e reformada, e comungam dos mesmos pressupostos estabelecidos no estatuto da Associação. Na descrição do vídeo, afirma-se o seguinte:

Para responder a algumas das principais questões acerca da interação entre fé e ciência, a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC<sup>2</sup>) lançou o documentário O Diálogo Entre Fé Cristã e Ciência no Brasil. Especialistas nacionais e internacionais de várias áreas participaram do documentário e deram sua opinião sobre o tema (CRISTÃOS NA CIÊNCIA, 2017).

Considerando o recorte do artigo, analisaremos unicamente o documentário e não os demais trabalhos da Associação responsável pelo conteúdo. Com mais de 40 mil

visualizações, o vídeo serve como fonte para dar resposta, como diz a descrição, a respeito da relação entre ciência e fé. Consequentemente, observaremos os pressupostos epistemológicos, a visão de mundo (ideologia), a compreensão a respeito da materialidade e imaginário subjacentes do documentário em relação à Bíblia e o modelo de presença pública da religião no campo das ciências.

## **2. Entre o diálogo e a colonização dos saberes**

Que tipo de religião e que tipo de ciência estão pressupostos no documentário? Além disso, de que tipo de relação entre ambas estamos falando? Essas perguntas poderiam ser respondidas a partir de variadas perspectivas. Sem a intenção de esgotar o espectro de possibilidades que a questão propõe, vale a pena destacar algumas possíveis respostas.

### **2.1 A relação pressuposta**

No que respeita à relação entre ciência e religião, tal como pressuposta no documentário, inicialmente é importante destacar algumas tendências que distinguem os países da América Latina, incluindo o Brasil, de países do Norte Global, especialmente os Estados Unidos. Há uma importante tradição que se constrói ao longo do século XX, no contexto americano, que tende a conceber a relação entre ciência e religião nos termos da Teologia, de um lado, e das Ciências Naturais, de outro.<sup>10</sup> Ou seja, em geral, falar dessa relação implicaria em discutir os pontos de convergência entre religião e teologia cristãs e as chamadas “ciências duras”, tais como a engenharia, a astronomia, a biologia, a física, a química etc. Tal tradição tem se construído a partir de uma teologia de viés mais conservador, no contexto da qual as discussões, em geral, estão a serviço de uma perspectiva cristã de caráter apologético. Embora nos EUA também se verifique o trato científico da religião, consolidado em programas de Ciências da Religião desde 1962,<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Inúmeras são as publicações que expressam essa tendência. Destacamos aqui as seguintes obras: *Darwin no banco dos réus* (JOHNSON, 2008); *Porque a ciência não consegue enterrar Deus* (LENNOX, 2011).

<sup>11</sup> Steven Engler (2004, p. 37) esclarece que essa data marca a origem tardia da Ciência da Religião nos Estados Unidos, enquanto disciplina independente. O seu nascedouro é marcado por dois despachos do supremo tribunal, que entendeu que o ensino religioso nas escolas públicas era inconstitucional. A partir de então, paulatinamente a Teologia perde espaço nas escolas e faculdades públicas norte-americanas e vai sendo substituída pelos estudos comparativos da religião. Departamentos dedicados ao assunto surgem em instituições, tais como a Universidade de Harvard e da Califórnia Santa Bárbara. No entanto, em razão das inconsistências teóricas em torno do objeto das Ciências da Religião — a própria ideia de “religião” e “sagrado” —, Engler nota uma crise que se adensa ainda mais no interior da nova área pelo fato de ter então se separado da Teologia. Engler menciona a crise da *American Academy of Religion* (AAR), importante associação de

essa tradição consonante com o ambiente cristão e evangélico parece correr à revelia das pesquisas científicas não comprometidas com o conservadorismo cristão. É também no contexto dessa tradição que se constrói e se fortalece posicionamentos tais como os representados no chamado criacionismo e em suas vertentes. Essas perspectivas não tiveram impacto apenas no imaginário das igrejas americanas, mas, também, no espaço público, na medida em que nortearam leis, miscularam-se na educação e determinaram políticas públicas.<sup>12</sup>

É possível que essa tradição notadamente cristã que privilegia as ciências duras — que obviamente não resume o modo como se trata a relação ciência-religião nos Estados Unidos —, tenha se consolidado em função da tendência americana em investir mais nas ciências naturais do que nas ciências humanas. Esse fato pode ser confirmado quando olhamos para a distribuição de recursos no âmbito das pesquisas científicas naquele país. Em 2017, por exemplo, verificou-se um aumento nos investimentos em pesquisa nos EUA. O governo investiu cerca de US\$ 118,3 bilhões em pesquisa e desenvolvimento (P&D), o que significou um aumento de 2,3% comparado a 2016, quando se destinou ao setor US\$ 115 bilhões. “Cresceu 23,6% o aporte para infraestrutura de pesquisa e 7,2% para projetos de desenvolvimento tecnológico, segundo relatório da National Science Foundation, a principal agência de apoio à pesquisa do país” (INVESTIMENTO, 2018). Os repasses foram feitos a universidades, organizações não governamentais e ao setor industrial. O relatório indica que a maior parte dos recursos (48%) foi destinada às “ciências da vida”, tais como a biologia e a medicina. As engenharias ocuparam o segundo lugar, com 19% dos recursos. Em terceiro lugar, a Física, com 9%. Outras ciências somaram 7%; as ciências ambientais, bem como a computação e matemática receberam cada uma 6% dos recursos. Por outro lado, a Psicologia e as Ciências Sociais receberam 3% e 2% respectivamente.

É curioso que a ala cristã, sobretudo evangélica, restrinja a discussão entre religião e ciência à abordagem da teologia — e, sobretudo, à sua perspectiva

---

pesquisadores da religião, a partir de sua decisão de se separar da *Society for Biblical Literature* (SBL), num momento em que os trabalhos dos teólogos desta ultrapassavam em interesse teórico os trabalhos dos pesquisadores daquela.

<sup>12</sup> Dentre as várias ocorrências que confirmam essa influência do conservadorismo cristão no espaço público norte-americano, pode-se aqui destacar o chamado “processo do macaco”, que ganhou notoriedade e repercussão internacional, quando da tentativa desse grupo, em 1925, de proibir por força de lei o ensino do darwinismo nas escolas públicas. John Thomas Scopes, professor de ciência numa escola estadual do Tennessee, foi acusado por ensinar a teoria evolucionista em confronto com a ideia de criação divina ensinada nas Escrituras. Scopes foi condenado, mas, a sentença foi suspensa por um defeito formal na peça jurídica (ver, por exemplo, BRAKEMEIER, 2006, p. 10).

conservadora, por um lado, e às Ciências Naturais, por outro —, ao mesmo tempo em que chame essa relação de diálogo. Ou seja, a teologia conservadora — em muitos casos fundamentalista — acaba por incorporar ideologicamente as discussões sem prestar atenção às reflexões que emergem tanto a partir das Ciências da Religião, preocupada com o caráter científico e não apologético, como a partir de uma teologia mais progressista que, no contexto da *Society for Biblical Literature* (SBL), por exemplo, tem se caracterizado por colocar as crenças e as escrituras cristãs dentro de contextos históricos, econômicos, sociais e políticos (Cf. ENGLER, 2004, p. 39). Ou seja, há importantes contribuições, vindas tanto das Ciências da Religião como da Teologia que acabam não sendo levadas em conta por essa tradição conservadora norte-americana que anseia por um diálogo entre ciência e religião.<sup>13</sup>

Em países como o Brasil — que, do ponto de vista socioeconômico não difere muito da maioria dos países latino-americanos — a realidade é bem diferente no que respeita aos investimentos em ciência e tecnologia. Não se dispõe de orçamentos governamentais bilionários para o investimento em pesquisas científicas. Além disso, no Brasil, assim como no resto do Sul Global, há demandas urgentes, resultantes dos graves desequilíbrios sociais que, entre outras coisas, geram pobreza e violência em escala alarmante. Essas demandas acabaram por mobilizar setores da ciência que, por um lado, explicam melhor as raízes desse desequilíbrio e denunciam as estruturas que o mantêm (Sociologia, Filosofia, História etc.); por outro lado, custam mais barato aos cofres públicos os investimentos em pesquisas que se dão nos limites das Ciências Humanas.

Obviamente, quando comparados, os investimentos em P&D não são absolutamente determinantes, mas, ajudam a explicar as ênfases percebidas no modo como a relação entre ciência e religião se conduz nos dois contextos. No Brasil, as Ciências da Religião têm se constituído e se consolidado a partir do anseio em se aproximar ciência e religião, mas, de forma a não abrir mão de considerar o “ambiente” brasileiro e latino-americano, contexto esse altamente marcado por desequilíbrios políticos, econômicos e sociais e, no Sul Global, tornado lugar epistemológico. Nascida na Europa e também presente nos Estados Unidos, as Ciências da Religião estão completando 40 anos no Brasil. No contexto brasileiro essa tradição tem se construído majoritariamente a partir das Ciências Humanas, o que, em alguma medida, nos remete aos motivos já abordados. É nesse sentido que o espectro disciplinar das Ciências da

---

<sup>13</sup> É digno de nota que a Teologia e as Ciências da Religião, no Brasil, estão reunidas em uma única área, na perspectiva da CAPES. Embora ambas tenham as suas peculiaridades e autonomia — e isso implique em nuances em cada uma das áreas —, no espaço que se constrói entre uma e outra, tanto é possível perceber teologias mais progressistas, por um lado, quanto a inclusão da teologia no espectro disciplinar das Ciências da Religião, por outro.

Religião inclui, por exemplo, áreas como: Teologia, História das Religiões; Fenomenologia da Religião; Filosofia da Religião; Ciências Sociais da Religião; Ciências Psicológicas da Religião; Geografia da Religião; Estética da Religião; Ciências das Linguagens Religiosas; além das várias áreas incluídas nas chamadas Ciências da Religião Aplicadas.<sup>14</sup>

Entretanto também é preciso destacar, no Brasil, a presença significativa de uma tradição protestante que deriva dos Estados Unidos desde o século XIX e que ainda mantém vínculos ideológicos com sua matriz, laços esses que se entrecruzam por cordões que incluem desde a perspectiva política e cultural até o conservadorismo religioso. É a partir dessa tradição — que obviamente não resume o Protestantismo no Brasil — que também se percebe uma importação do modo apologético de tratar a relação entre ciência e religião, presente tanto nos púlpitos protestantes quanto nos seminários teológicos desde meados do século passado. Embora seja possível concluir que há certo refinamento em relação às primeiras gerações de protestantes oriundas desse conservadorismo norte-americano, a julgar por alguns dos proponentes do documentário em análise, percebe-se que os posicionamentos ali entrevistados são ainda muito devedores, tanto desse conservadorismo que é drenado para dentro do Cristianismo, como pela abordagem que privilegia as Ciências Naturais. Ou seja, estamos falando de uma tradição que, à semelhança da tradição conservadora estadunidense, também parece desconsiderar o modo como as discussões são conduzidas no contexto das Ciências da Religião e no contexto de uma Teologia não confessional, tal como se desenvolvem no Brasil atualmente. Percebe-se, então, que a discussão acaba privilegiando mais os elementos que consolidam as instituições representadas do que propriamente um diálogo que se vincula radicalmente ao contexto brasileiro. E aí, é preciso dizer, qualquer abordagem que pretenda se ligar profundamente ao contexto e, portanto, ter maior relevância social, não poderá prescindir do auxílio das Ciências Humanas.

A partir desse cenário é possível inferir algumas distinções entre esse modo conservador de se tratar a relação entre ciência e religião — presente na tradição cristã americana e na tradição que se importou de lá para o Brasil — e o modo como, em geral, é tratada a mesma relação a partir de uma perspectiva mais alternativa e comprometida com o seu *lôcus*, que também se faz presente tanto no contexto americano quanto no

<sup>14</sup> Ver, por exemplo, USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. USARSKI, Frank (Org.). PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. Embora em ambas as obras se encontrem tematizações relativas às relações entre religião e/ou Teologia e Ciências Naturais — que nos Estados Unidos ganha espaço privilegiado a partir dessa tradição evangélica específica que

contexto brasileiro. Além das distinções que caracterizam o privilégio das Ciências Naturais, numa perspectiva conservadora, e as Ciências Humanas, numa perspectiva mais progressista, outras dissemelhanças podem ser identificadas. Enquanto numa perspectiva conservadora a religião pressuposta na relação é majoritariamente o Cristianismo, numa perspectiva progressista trata-se da religião em geral (cristã ou não) — isso também estabelece a distinção entre uma abordagem cristã e uma abordagem de caráter mais ecumênico. As perspectivas apologética, de um lado, e dialógica, de outro, também se contam entre as principais distinções. Destaca-se o contraponto entre o caráter elitista e conservador e uma abordagem mais popular, militante e progressista. Pode-se ainda apontar uma abordagem mais devedora de uma epistemologia dominante e eurocêntrica em contraste com os esforços por se operar epistemologicamente dentro de bases pós-coloniais e decoloniais (Cf. WIRTH, 2016, p. 129-142). Finalmente é possível dizer que, do ponto-de-vista político, a relação entre ciência e religião é representada predominantemente, de um lado, por teóricos mais ligados à direita cristã e, de outro, por teóricos (protestantes, católicos, agnósticos etc.) que se identificam com pautas mais alinhadas à esquerda.

Em segundo lugar, parece haver uma proposta prenunciada no documentário em análise, que é a de uma relação “constitutivamente” amistosa e dialógica entre religião e ciência:

Como a gente relaciona as afirmações da ciência, teorias científicas, com as afirmações da religião, com as doutrinas religiosas? Como a gente constrói isso? Como pensar, por exemplo, a relação entre leis naturais e ação divina? Ou como a gente relaciona a doutrina cristã da criação e o modelo cosmológico padrão? (CRISTÃOS NA CIÊNCIA, 2017, 1m2s).

Embora não esteja explícita, as perguntas iniciais e o modo como o documentário se desenvolve favorecem a ideia de que há um jeito único e correto de relacionar religião e ciência. A pergunta: “Ciência e fé convergem dialogicamente ou excluem-se conflitivamente?” parece-nos equivocada, pois sempre nos conduz à ideia de que existe uma relação “correta”, constitutiva, equivalente à natureza própria da ciência e da religião. Quanto a isso é preciso lembrar que já dispomos de sistematizações que nos

---

já destacamos —, o pequeno espaço dedicado a esse campo aqui no Brasil já indica uma tendência, que é o privilégio às Ciências Humanas.

auxiliam a entender que há mais de uma relação possível, e cada uma é classificada a partir dos posicionamentos históricos de representantes de ambos os lados. O físico nuclear e teólogo, Ian Barbour, ganhador do Prêmio Templeton para o Progresso da Religião, em 1999, foi um dos primeiros a propor uma taxonomia ao sugerir quatro relações possíveis que, embora “tipos ideais”, são úteis para que se perceba a pluralidade de concepções pressupostas na relação entre religião “cristã” e ciência: 1) relação de conflito; 2) relação de independência; 3) relação de integração e 4) relação de diálogo.<sup>15</sup> A própria taxonomia mostra que as relações possíveis entre religião e ciência são aquelas que se podem inferir dos dados históricos, o que nos afastaria de qualquer posicionamento metafísico e essencialista. Enquanto “tipos ideais”, também precisam ser compreendidos de forma não estanque, afinal, uma relação criativa e construtiva entre ciência e religião pode muito bem integrar mais de uma categoria.

Não se deveria exagerar a relação “genética” entre religião e ciência, em favor de uma legitimação desse caráter amistoso da relação, como é esboçado por alguns proponentes do documentário. Pode-se defender a ideia de que, sob vários aspectos, a relação amistosa é melhor do que relações que se constroem pela beligerância, no sentido nomeado por Barbour como *relação de conflito*.<sup>16</sup> Entretanto, essa proximidade e até parceria devem ser justificadas por outros meios, afinal, facilmente se poderia sustentar também a ideia de que a ciência já nasce de um conflito com a religião, e a razão do conflito foi, em grande medida, a intransigência da religião cristã diante das novas descobertas feitas, sobretudo, por Copérnico e confirmadas por Galileu, o professor de matemática que tornou-se célebre por consolidar a perspectiva heliocêntrica do mundo. Galileu também ficou famoso por seus embates com a instituição da Inquisição, que logo reputou como heresia sua teoria cosmológica.<sup>17</sup> Então, embora os primeiros cientistas

<sup>15</sup> Essa tipologia quádrupla foi proposta por Barbour, pela primeira vez, em 1990, no primeiro capítulo de seu livro *Religion in a Age of Science*, tipologia essa que se diferencia de outras por se concentrar na ciência pura, enquanto forma de conhecimento, em contraposição à ciência aplicada (Cf. BARBOUR, 1990). Outros autores propuseram diferentes sistematizações e desdobramentos dessas relações. John Haught propôs uma tipologia quádrupla, mas, um pouco diferente: Conflito, Contraste, Contato e Confirmação (Cf. HAUGHT, 1995). Ted Peters propõe uma classificação mais elaborada, que se compõe de oito tipos (Cf. PETERS, 1997). Willem Drees, por sua vez, utiliza-se de nove tipos (DREES, 1996, p. 43-49).

<sup>16</sup> A relação de conflito surge da inflexibilidade e intolerância de ambas as partes. Do lado da religião, deriva do modo fundamentalista de compreender as Escrituras literalmente e da tendência em se projetar a moral cristã para dentro da cultura e da ciência; do lado da ciência, a relação de conflito é representada pelo chamado naturalismo científico (Cf. BARBOUR, 2004).

<sup>17</sup> Não se pode negar que a história da relação entre ciência e religião também se encontre marcada por confrontos que motivaram perseguições e produziram mártires. Quanto a uma síntese desses confrontos, ver BRAKEMEIER, 2006, p. 9-25.

também fossem cristãos e, à semelhança de Galileu, não estivessem interessados em combater a religião, é inegável o fato de que há uma fratura que gera um conflito com impacto institucional e, sobretudo, epistemológico. Galileu luta, por exemplo, por uma autonomia da nova forma de conhecimento (chamada de filosofia natural) em relação à interpretação das Escrituras, prerrogativa até então exclusiva da Igreja. Sem dúvida, o surgimento da ciência moderna inaugura um novo estatuto para o conhecimento: não derivar mais da revelação ou da tradição, mas, exclusivamente da observação do mundo. E o fato de o referido embate também ter sido inflacionado por questões políticas, não torna o conflito menor.<sup>18</sup>

Embora se possa dizer que a curiosidade de alguns, fomentada pelo conhecimento das Escrituras numa perspectiva cristã, tenha os conduzido à descoberta desse novo modo de lidar com o mundo e com o conhecimento dele, não se pode negar, por outro lado, os imensos conflitos que surgiram ao longo do processo. Alexandre Koyré destaca a radicalidade das mudanças.

O nome de Galileo Galilei encontra-se indissolivelmente ligado à revolução científica do século XVI; uma das mais profundas, se não a mais profunda revolução do pensamento humano depois da descoberta do cosmo pelo pensamento grego: uma revolução que implica uma “mutação” intelectual radical, de que a ciência física moderna é, ao mesmo tempo, expressão e fruto [...] Esta revolução é por vezes caracterizada e explicada simultaneamente por uma espécie de revolta espiritual, por uma transformação completa de toda a atitude fundamental do espírito humano, tomando a vida activa, *vita activa*, o lugar da *theoria*, *vita contemplativa*, que até então havia sido considerada a sua forma mais elevada (KOYRÉ, 1986, p. 11).

Na verdade, não temos em personagens como Galileu Galilei uma crítica e combate às teorias erradas e a tentativa de substituição por outras melhores; temos, ao

---

<sup>18</sup> Quanto a isso, assim se pronuncia Brakemeier (2006): “Permitiu-se a Galilei, mesmo na condição de condenado, o prosseguimento de suas pesquisas, embora sobre o controle da igreja. O maior astrônomo do colégio papal em Roma naqueles tempos, Christopher Clavius, não hesitou em confirmar oficialmente a exatidão dos resultados de Galilei, sem por isso sofrer qualquer penalização. O processo tinha obviamente natureza político-eclesiástica. Disputava-se o poder”.

contrário, mudanças de proporções muito maiores: a destruição de um mundo e a substituição por outro; a reforma da estrutura da inteligência humana; a concepção do Ser de uma nova maneira; uma nova elaboração do conhecimento (inclusive do senso comum) e da ciência (Cf. KOYRÉ, 1986, p. 19).

## ***2.2 Colonização dos saberes?***

Dentre as muitas diferenças entre ciência e religião que se poderiam apontar, talvez uma significativa seja o fato de que, conquanto ambas mudem com o tempo ao sabor das nuances da história, a ciência consegue efetuar mudanças mais facilmente. É preciso sempre muito mais para que se verifiquem mudanças na religião do que seria preciso na ciência. Certamente isso tem a ver com a própria consciência, por parte de muitos cientistas, da provisoriidade de suas descobertas e do conhecimento que se constrói a partir delas.<sup>19</sup> Desde as investigações de Copérnico e Galilei, a ciência está descobrindo novas informações a cada dia que, à medida que vão sendo incorporadas a contextos teóricos mais amplos, delineiam novos “paradigmas” — para nos utilizarmos aqui de uma terminologia kuhiana (Cf. KUHN, 2006). Por outro lado, o caráter metafísico das religiões, incluindo o cristianismo, torna muito difícil a consciência de provisoriidade de seu saber. Mesmo quando se pressupõe a soberania de Deus sobre todas as esferas (Cf. KUYPER, 2003, p.86), o que significaria que todos os saberes lhe pertencem, o conservadorismo cristão tende a conceber os seus representantes como atores privilegiados na compreensão e manutenção dessa ordem multidimensional. É como se a humanidade e limitação inerentes à recepção desse saber fosse um “mal” inevitável apenas aos não cristãos que se ocupam com a ciência. Perguntamos aqui: como justificar epistemologicamente a relatividade da mediação linguística apenas no mundo não cristão? Por que a fé cristã, para além de quaisquer estratégias apologéticas, estaria livre de ter que constantemente se justificar perante a multiplicidade de cosmovisões contemporâneas e, consequentemente, livre de revisões periódicas? A revelação seria um meio privilegiado de recepção de conhecimentos que supostamente escapariam aos filtros humanos interpretativos?

Somente quando aceitarmos que a mediação linguística é para todos, a necessidade de justificar o próprio saber é para todos, e a própria revelação está sujeita

---

<sup>19</sup> A consciência da provisoriidade do conhecimento científico, em grande medida, independe da teoria da ciência com a qual se trabalhe. A título de exemplo, se nos posicionarmos no contexto das principais teorias contemporâneas da ciência, pode-se dizer que tanto o “Falsificacionismo” de Karl Popper (Cf. POPPER, 2001), quanto a “Teoria dos Paradigmas” de Thomas Kuhn (Cf. KUHN, 2006) ou mesmo a “Metodologia dos Programas de Investigação Científica” de Imre Lakatos (Cf.

aos filtros interpretativos humanos, é que, então, estaremos preparados para rever conceitos teológicos na medida em que forem confrontados por esses paradigmas. Isso aconteceu no início e certamente continuará acontecendo.<sup>20</sup> Também à semelhança das reações negativas por parte da elite cristã, que tiveram lugar desde o início, pode-se dizer que de lá para cá não tivemos muitos avanços nesse sentido. As alas mais extremistas e fundamentalistas do Cristianismo contemporâneo continuam tão intransigentes hoje quanto o foram no passado. É digno de nota que no contexto das descobertas de Copérnico e Galilei, não apenas a ala católica se opôs àquelas descobertas científicas, mas suas repercussões também soaram negativas aos primeiros reformadores. Algumas dessas reações a Copérnico, por exemplo, são sintetizadas por Reale e Antiseri:

foi com base nesses trechos da *Escritura* que Lutero, Calvino e Melanchton opuseram-se duramente à teoria copernicana. Em um de seus *Discursos à mesa*, Lutero parece ter afirmado (1539): “As pessoas deram ouvidos a um astrólogo de dois vinténs, que procurou demonstrar que é a Terra que gira e não os céus e o firmamento, o Sol e a Lua [...]. Esse insensato pretende subverter toda a ciência astronômica. Mas a Sagrada Escritura nos diz que Josué ordenou ao Sol — e não à Terra — que se detivesse.” No seu *Comentário ao Gênesis*, Calvino cita o versículo inicial do *Salmo* 93, que diz: “Sim, o mundo está firme, jamais tremerá.” E se pergunta: “Quem terá a ousadia de antepor a autoridade de Copérnico à do Espírito Santo?” E Melanchton, discípulo de Lutero, seis anos depois da morte de Copérnico, escrevia: “Os olhos nos testemunham que os céus efetuam uma revolução ao longo de vinte e quatro horas. Mas, certos homens, por amor às novidades ou então para dar provas de genialidade, estabeleceram que a Terra se move e afirmam que tanto a oitava esfera como o Sol não giram [...]. Pois bem: é uma

LAKATOS, 1987) pressupõem, cada um a seu modo, o caráter efêmero do que distingue ciência de não ciência.

<sup>20</sup> Há inúmeros exemplos históricos em que a teologia se vê forçada a se adaptar aos novos discursos vigentes no mundo. Um bom exemplo é o do teólogo belga dominicano, Edward Schillebeeckx. Ele se destaca como um teólogo que abordou ampla e originalmente a relação entre fé e experiência, problemática enfrentada por praticamente todas as teologias do século XX que se confrontaram com a redescoberta da subjetividade feita pelo pensamento moderno, tanto no mundo católico quanto protestante-evangélico.

falta de honestidade e de dignidade sustentar publicamente tais conceitos. E o exemplo é perigoso. É tarefa de toda mente sã aceitar a verdade como ela foi revelada por Deus e a ela submeter-se” (REALE; ANTISERI, p. 259).

Não se pode partir do pressuposto de que o diálogo implica sempre na concordância da ciência com os pressupostos teológicos já estabelecidos pela tradição cristã. Embora algumas falas do documentário se inclinem sensivelmente a essa importante observação, considera-se aqui de extrema necessidade que tal fato seja mais bem enfatizado. Vale salientar que existem muitos esforços no sentido de readequar as descobertas da ciência aos pressupostos teológicos da tradição — a tradição conservadora que é importada para o Brasil e o próprio criacionismo são bons exemplos disso —, mas, não existem muitos projetos cristãos de readequação de tradições/teologias/dogmas a novas percepções da ciência. Pergunta-se aqui, então, com certo ceticismo: a ABC<sup>2</sup> pensa em encarnar essa prerrogativa?

O cuidado que se deve ter com esse discurso que busca na gênese do movimento uma proximidade amistosa entre religião e ciência — discurso geralmente usado por teólogos e religiosos em geral —, justifica-se no fato de que, mesmo inconscientemente, é possível que se promova uma instrumentalização e domesticação da ciência pela religião, na medida em que não se respeite os limites que demarcam esses dois saberes. Embora o diálogo entre ciência e religião permaneça como um horizonte a ser buscado — felizmente materializado sensivelmente em algumas iniciativas —, parece utópico sempre que consideramos as dificuldades que ainda se verificam no diálogo que deveria acontecer “em casa”: o diálogo entre religião e religião, ou seja, o diálogo interno ao Cristianismo e às demais religiões. Então, corre-se o risco de chamarmos de diálogo aquilo que é apenas uma cooptação da ciência por setores da religião, afinal, as dificuldades inerentes a um são as mesmas que se manifestam no outro. Se se tem dificuldade em dialogar “dentro de casa”, como será fora? Não se pode falar de diálogo sem que se permita ao outro ser outro. O que muitos chamam de diálogo entre religião e ciência é, na verdade, uma colonização do outro de cada um.

Há de se respeitar os limites que demarcam ciência e religião, razão pela qual tanto a relação de conflito quanto a relação de integração, na perspectiva da taxonomia de Barbour (2004), parecem violar essas configurações. O conflito viola os limites pelo fato de que seus representantes acabam por se negarem mutuamente movidos pelo pressuposto de que a verdade está limitada ao seu campo gravitacional. As concessões que são feitas ao outro de cada um vão até o limite de não afetarem os próprios pressupostos. A integração, por outro lado, viola os limites pelo fato de os seus

representantes — reunidos sob o signo da Teologia Natural, Teologia da Natureza e Filosofia do Processo — acreditarem que, na verdade, não há limites epistemológicos que justifiquem identidades muito precisas. Nesse caso, há uma transgressão epistemológica que também pode favorecer a colonização dos saberes representados nessa relação.

Alguns interlocutores do documentário defendem um trato cristão dos temas científicos (Cf. CRISTÃOS NA CIÊNCIA, 2017, 15m55s a 17m37s). Isso equivaleria a defender a ideia de que deveria haver um *continuum* entre a igreja e o laboratório, afinal, como afirma Davi Charles Gomes, é inevitável habitar o universo dos nossos próprios pressupostos.<sup>21</sup> Tal posicionamento nos leva à seguinte pergunta: haveria uma ciência cristã? Como pensar a independência e autonomia dos campos diante da possibilidade de a ciência ser invadida e disciplinada por uma visão cristã? Em sentido epistemológico, uma ciência cristã não nos faria retornar à Cristandade medieval, contexto no qual a filosofia se tornou serva da teologia, a serviço de uma “hermenêutica da manutenção”?<sup>22</sup> A questão não parece reduzir-se apenas a pressupostos que não deveriam ser ignorados. É mais do que isso: trata-se da impossibilidade de um campo poder operar livremente, sem a tutela do outro. Em nome da inevitabilidade dos pressupostos, acabamos por justificar a invasão da religião cristã aos domínios da ciência e a consequente domesticação desta por ingerência daquela. Assim, certa independência, no sentido advogado por Barbour (2004), parece-nos fundamental para um diálogo, considerando-se, é claro, que se trata de “tipos ideais” e não de sistematizações rígidas e estanques. Na postura de independência está pressuposta uma espécie de “ateísmo metodológico”, que não pode ser confundido com o ateísmo como visão de mundo. Isso significaria que a despeito das posições de fé ou não fé assumidas pelos cientistas, as investigações

<sup>21</sup> Embora concordemos com o fato de que todos habitam o universo dos seus próprios pressupostos, sendo inevitável que se interprete o mundo também a partir deles, tal afirmação no contexto do documentário parece apenas estar a serviço de justificar a ingerência da cosmovisão cristã sobre o fazer científico.

<sup>22</sup> Muitos já sugeriram que as recorrentes ingerências da ciência na religião ou da religião na ciência resultam de se aplicar as perguntas certas às instâncias erradas. As perguntas “Quem está por trás da ordem do mundo?” ou “Qual o sentido de tudo o que está aí?”, não deveriam ser respondidas pela ciência, já que implicam em elementos não falseáveis (Popper), não mensuráveis pelo método científico. Por outro lado, à pergunta “Como o mundo veio a existir?” (o passo-a-passo) não se deveria esperar que fosse respondida pela religião. Caso essa observação seja razoável, o conflito e colonização sempre resultariam do fato de os representantes de ambas as áreas acreditarem que são capazes de responder todas as perguntas. Se se concluir que — à semelhança do que Galilei está pleiteando em termos de autonomia dos campos — a Bíblia não é um texto de ciência, torna-se um contrassenso decidir um debate apelando para divergências entre a ciência e as escrituras cristãs. Como se pode notar no famoso epigrama citado por Galilei em sua carta a Cristina de Lorena, frase atribuída ao cardeal Barônio, “a intenção do Espírito Santo é ensinar-nos como se vai para o céu e não como vai o céu” (GALILEI, 2009, p. 64).

científicas não deveriam sofrer sua influência, sem que ambas, ciência e fé, sucumbam à mútua colonização dos saberes. Gadamer chama a atenção para a importância de se respeitar a alteridade do texto — que aqui poderia ser tomado como qualquer unidade de sentido —, bem como de se ter consciência dos próprios pressupostos, inevitáveis na relação hermenêutica:

Aquele que quer compreender não pode se entregar de antemão ao arbítrio de suas próprias opiniões prévias, ignorando a opinião do texto da maneira mais obstinada e conseqüente possível — até que este acabe por não poder ser ignorado e derrube a suposta compreensão. Em princípio, quem quer compreender um texto deve estar disposto a deixar que este lhe diga alguma coisa. Por isso, uma consciência formada hermenêuticamente deve, desde o princípio, mostrar-se receptiva à alteridade do texto [...] O que importa é dar-se conta dos próprios pressupostos, a fim de que o próprio texto possa apresentar-se em sua alteridade, podendo assim confrontar sua verdade com as opiniões prévias pessoais.

Gadamer pensa aqui a relação entre texto e intérprete. Enquanto unidade de sentido, tanto ciência quanto religião são textos que precisam vigorar em sua própria alteridade. Enquanto dotadas de racionalidade, também ambas são intérpretes do outro de cada uma. Ao mesmo tempo em que chama a atenção para a necessidade de manutenção da alteridade do texto — ele deve sempre ter algo a nos dizer —, também admite as “opiniões prévias” que são inerentes ao intérprete — este também tem algo a dizer. Tal é o círculo hermenêutico gadameriano. O filósofo alemão, então, sugere que se abra espaço para que o texto diga algo, em sua autonomia, mas, procura resolver a aporia apontando para a necessidade de se dar conta dos próprios pressupostos. Isso evitaria que se confundisse (ou estrategicamente se camuflasse) a própria voz e os próprios pressupostos com a verdade do texto. É a possibilidade, então, de confrontar a verdade da ciência com a verdade da religião.

Não podemos nos esquecer de que essa autonomia da ciência em relação à fé é exatamente o que Galilei reclamou por volta do século XVII. Seria, certamente, um retrocesso retornar às discussões que engendraram a ciência. Então, em certo sentido, o diálogo entre ciência e religião, ainda que não implique em se “pendurar os pressupostos cristãos do lado de fora ao se fazer ciência” — como adverte Davi Charles Gomes —,

implica, todavia, em se dar conta da amplitude e complexidade desses pressupostos e da necessidade de se respeitar a autonomia dos campos para que ecoem sua própria voz, a menos que queiramos retroceder à Idade Média ou mesmo aos primórdios da ciência.

Ao falar daquilo que se convencionou chamar de “epistemologias do Sul” — por oposição às “epistemologias do Norte”, marcadas pelo eurocentrismo epistemológico —, Boaventura de Sousa Santos assim as define:

conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes [dá-se o nome de] ecologia de saberes (SANTOS; MENESES, 2010, p. 84-130).

O diálogo horizontal entre os conhecimentos, entretanto, deve respeitar os limites que configuram cada disciplina, postura sem a qual inevitavelmente cairíamos numa colonização dos saberes. A decolonialidade epistemológica inclui essa “demarcação porosa” — diálogo e intercâmbio de saberes, por um lado, mas, manutenção das identidades, por outro —, que deve nascer da coragem em permitir ser desafiado para que a verdade emerja.

### **2.3 O que o diálogo pressupõe?**

“Diálogo” é uma dessas palavras que sofrem o desgaste metonímico resultante de ser usada de forma exagerada em muitos contextos distintos. Normalmente palavras que dizem muita coisa, com o tempo acabam não dizendo mais nada. Quando aplicamos a palavra ao contexto da relação entre ciência e religião, essa corrosão e esfacelamento são notáveis. Desde o simples contato verbal com o outro, com interesses meramente informativos, até marcações de posição que podem ser, inclusive, estratégicas e apoloéticas, a ideia de diálogo vai sendo danificada cada vez mais. Portanto, é de suma importância refletir sobre as verdadeiras implicações advindas de se dialogar.

Então, o que o diálogo pressupõe? O que está em jogo quando dialogamos? Em primeiro lugar, o diálogo *pressupõe que as identidades não sejam acabadas*. Isso, obviamente, não significa abrir mão da própria identidade, como poderia ser inferido do que falamos anteriormente com respeito à necessidade de autonomia das áreas. Mas, pressupor identidades inacabadas também pode ser um problema para alas mais conservadoras da religião, que temem que a abertura ao outro possa implicar numa “perda da identidade”,

por mais absurda que essa expressão possa parecer. Se, por um lado, o diálogo pressupõe que se tenha consciência da própria identidade — sem a qual torna-se impossível —, por outro, ela nunca está pronta, como muito bem explicitou Zygmunt Bauman (Cf. BAUMAN, 2005). Embora a própria ideia de identidade nos remeta a algo sólido, coeso, homogêneo, o diagnóstico de Bauman nos mostra que as identidades tendem a ser mais instáveis num mundo “líquido”. Nas palavras de Bauman:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age — e a determinação de se manter firme a tudo isso — são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

A profusão de ideias e princípios diante dos quais estamos expostos continuamente numa sociedade líquida, exige que se faça comparações, escolhas, conciliações de demandas contraditórias e, em geral, incompatíveis, o que torna cada vez menos comum aquela comunidade “de vida e de destino”, caracterizada por pessoas que “vivem juntas numa ligação absoluta” (BAUMAN, 2005, p. 17). E tal caracterização não vale apenas para indivíduos, mas, também, para instituições. Em face disso, portanto, o diálogo pressupõe “identidades porosas”, autônomas o suficiente a ponto de não se diluírem nos outros, mas, capazes de serem interpeladas de fora em direção a contínuas transformações.

Em segundo lugar, o diálogo *pressupõe a superação de qualquer fundacionismo*. Embora não seja mais possível falar de um cristianismo, como se falássemos de algo homogêneo — sendo mais apropriado falarmos de cristianismos —, em grande medida, os principais grupos que o representam ainda o concebem em bases muito metafísicas. A velha compreensão correspondentista da verdade que pressupõe uma afinidade entre o signo e o significante, a linguagem e a realidade *em-si*, ainda sustenta teologias, estruturas

eclesiásticas, projetos de governo, iniciativas de evangelização etc. Essa concepção platônica de uma Verdade absoluta, não sujeita à história e ao cotejamento com outras formas de vida, afeita a um discurso extremamente monolítico, certamente inutiliza qualquer possibilidade de diálogo. O problema nunca foi a afirmação de fundamentos absolutos, a existência de uma *coisa-em-si*; o problema sempre foi a prerrogativa de se ter acesso ao *em-si* como *em-si*; o problema, portanto, sempre foi o de confundir a verdade absoluta com a verdade narrativa, o modo como recebemos o mundo com o mundo assim como ele é. A afirmação da verdade em um mundo pós-cristão só pode ser realizada na “ágora”, no intercâmbio entre perspectivas plurais, motivada pela consciência de que a melhor contribuição ao mundo, ainda assim, não escapa de seu caráter descritivo.

Em terceiro lugar, a superação do fundacionismo inevitavelmente coloca a *fragilidade do próprio sistema* como pressuposto para o diálogo. Não pode haver diálogo onde também não haja fragilidade (*kénosis*). Não pode haver diálogo onde o ideal é apologético. A “porosidade” de um sistema é também sua própria fragilização, a instauração de um *pátbos* que faz de sua própria afetação mensagem ao outro. É a saída da trincheira e a disposição de abrir espaço ao outro, provocando ambientes de ressonância de sua voz outrora emudecida pelas mordanças metafísicas. Essa mútua afecção é condição para o diálogo e se distancia sobremaneira das duas principais estratégias do fundamentalismo: o “ideal de conquista” e a “estratégia de gueto”. A primeira visa a expansão e a segunda a proteção, mas, em ambos os casos se verifica uma preocupação em blindar o próprio sistema em face da diversidade e pluralidade do mundo. A consciência de que nossas recepções não conseguem abarcar a totalidade transmuta-se na própria consciência da vulnerabilidade constitutiva do humano. Há de se levar mais a sério a relatividade da linguagem, “ambiente” no qual todos estamos desde já imersos e albergados, afinal, como afirmou Heidegger, “a linguagem é a casa do ser”. Mesmo o pressuposto de que o conhecimento cristão é privilegiado em relação ao conhecimento da ciência, em função de ser um conhecimento dado por revelação, não escapa aos limites da linguagem, como já pontuamos. Isso também significa que urge a necessidade de se repensar a revelação no contexto da vulnerabilidade humana — fala-se, portanto, de uma revelação *kenótica*, que seja concebida na perspectiva de sua recepção (ROCHA, 2015).

Em quarto lugar, todo diálogo *pressupõe operar a partir de uma lógica da alteridade*. Trata-se da assunção da alteridade como condição para a construção da identidade. Em outras palavras, não se constrói identidade apenas a partir do mesmo, mas, sobretudo, a partir do outro. Não se trata apenas de diálogo com o outro, mas, diálogo desde a relação com o outro. Ou seja, não se trata apenas de dar ao outro o lugar que lhe é de direito, mas, trata-se da consciência de que o outro é constitutivo do *si-mesmo*. Este não se basta,

trate-se de indivíduos, instituições ou mesmo do discurso teológico. Nenhum discurso faz sentido se não se constrói nos “embates” com o outro, se tal interação não é assumida. As elaborações, sejam elas científicas ou teológicas, sempre serão devedoras do outro, compreendido em toda a sua irredutibilidade. O diálogo pressupõe que por maior que seja a assimetria com o outro, ainda assim é possível por ele ser interpelado, questionado, consolidado ou mesmo completado, de maneira que por todos esses movimentos é possível crescer para além do que se é (Cf. ROCHA, 2015, p. 195).

Difícilmente se conseguiria relacionar o discurso apologético com o diálogo.<sup>23</sup> A melhor aproximação possível entre diálogo e discurso apologético é quando o diálogo com o outro em sua alteridade permite uma defesa de si mesmo. Dar razões de nossa fé significa também suspeitar delas o tempo todo, afinal, como se pode aqui perceber, mesmo nossas “razões da fé” sempre estarão no nível da linguagem, que é tudo o que temos para explicar isso que não cabe nela.

Finalmente é preciso perguntar: diálogo pra quê? Pergunta-se pela real intenção em se dialogar: se cumpre uma função apenas de consolidação do sistema vigente ou se o interesse extrapola a relação. A legitimidade do diálogo precisa encontrar fora dos interlocutores da relação sua maior razão de ser. Ou seja, quais os vestígios, no suposto diálogo, de uma intencionalidade que se legitima no bem comum, no incremento da coisa pública, no desenvolvimento da sociedade? Para além da própria ciência e da própria religião, o quê (ou quem) será beneficiado?

### ***3. Análise do discurso: apontamentos bíblico-hermenêuticos***

Uma vez que tenhamos apresentado o documentário, sua proposta de amplitude da relação entre fé cristã e ciência no Brasil, bem como apontado alguns temas que se inserem no limite entre o diálogo e a “colonização dos saberes”, finalmente, propõe-se uma análise discursiva de algumas falas relativas ao papel da Bíblia que se encontram implicados no documentário.

#### ***3.1 A inevitabilidade dos pressupostos***

“Uma coisa é o que a Bíblia diz, outra coisa é o que a gente diz que ela diz” (CRISTÃOS NA CIÊNCIA, 2017, 6m19s a 6m58s). O problema é que inevitavelmente entender o que a Bíblia diz passa por inúmeros elementos, não só textuais, mas também

---

<sup>23</sup> O diálogo verdadeiro pressupõe que se abrandem (enfraqueçam) os pressupostos filosófico-teológicos da existência de Deus, tanto de cientistas quanto de teólogos. Portanto, nesse sentido, o diálogo só é possível entre teístas brandos (não apologéticos) e agnósticos. Jamais entre fundamentalistas e ateus. Diálogo sem enfraquecimento não se sustenta.

intertextuais, que compõem um mosaico de informações que delineiam um misto de possibilidades. A polissemia do texto é inevitável, razão pela qual dizer o que ele diz sempre envolve dizê-lo a partir de nossos olhos, de nossas tradições e de nosso horizonte teórico. Ou seja, não há um texto “puro”, cujo sentido está à espera de ser desvendado, e a prova disso é a própria história da relação entre religião e ciência. Muitos dos conflitos iniciais, que embalaram os ânimos dos representantes da Igreja, derivaram de interpretações equivocadas acerca do universo e de como este funciona, que estavam mais atrelados a determinada tradição filosófica do que propriamente à pura observação do mundo. Mas, a ciência também passou a acreditar que o fato de poder dispor de instrumentos que permitiam a pura observação e da razão para garantir o raciocínio perfeito, garantiria uma espécie de “radiografia” da realidade. Em ambos os casos, ignorou-se o fato de que todos que leem a Bíblia ou o mundo natural e consequentemente pensam suas leituras e observações, o fazem a partir de um “projeto prévio” (Gadamer), de uma realidade que os precede e influencia.

Então, em certo sentido, é inevitável que o que a Bíblia diz seja sempre dito por nós seus intérpretes, que nunca o fazemos de forma completamente desinteressada. Nossa interpretação da Bíblia pode não ser sinônima do que a Bíblia verdadeiramente diz, como se afirma no documentário, mas sempre será a única maneira de dizê-lo. O que significa para nós afirmar que a Bíblia diz algo? Que esse algo deve estar de acordo com as intenções do autor (pressupondo, é claro, que eles tinham a plena compreensão do que estavam dizendo e a amplitude disso)? Ou que esse algo está plena e puramente revelado nas palavras do texto, como se pudéssemos dizer com Greimas que “fora do texto não há salvação” (Cf. GREIMAS, 1974, p. 9-25)? Ou ainda que o que foi intencionado e o que foi, de fato, registrado deve interagir com a pré-compreensão dos leitores situados? Qualquer resposta a uma dessas três indagações estabelece uma possibilidade hermenêutica de leitura da Bíblia e, consequentemente, nos diz algo sobre a Bíblia dizer algo. Então, talvez o que a Bíblia diz e o que a gente diz que ela diz não sejam coisas diferentes, mas uma e a mesma coisa.

### ***3.2 Análise discursiva: o lugar de fala e as imagens***

O vídeo tenta responder, em vários momentos, sobre a relação entre a ciência e os textos Bíblicos. A julgar por algumas falas, aparentemente o documentário trata como sinônimas as expressões “teologia” e “Bíblia”. Nesta parte, faremos uma análise das estratégias discursivas do vídeo e como o texto bíblico é percebido. Além disso, nos ocuparemos com o lugar de fala e as imagens evocadas pelo documentário.

A Análise do Discurso francesa é instrumento de análise que considera o texto, qualquer unidade de sentido, como lugar de vozes, ideologias, memórias e linguagem em

ação. Como tem defendido Maingueneau, o discurso é materializado em gêneros discursivos e é realizado a partir de um lugar social, o que não pode ser confundido simplesmente com o contexto material, mas, pressupõe as relações interdiscursivas.

Em minha opinião, o interesse que rege a análise do discurso é apreender o discurso como articulação de um texto e de um lugar social; ou seja, o objeto não é nem a organização textual ou a situação da comunicação, mas o que os liga através de um modo de enunciação. Pensar os lugares independentemente das palavras que eles permitem ou pensar as palavras independentemente dos lugares que fazem parte, seria aquém das exigências subjacentes à análise do discurso. A noção de "lugar social", no entanto, não deve ser entendida sociologicamente. Pode ser um posicionamento em um campo discursivo (política, religioso etc.). Em todos os casos, devemos destacar a centralidade da noção de gênero discursivo, que, como "instituição discursiva", anula qualquer exterioridade simples entre "texto" e "contexto". O sistema enunciativo é verbal e institucional (MAINGUENEAU, 2017).

Maingueneau dá centralidade ao gênero discursivo e segue a perspectiva aberta pelos teóricos da enunciação. Para nossa análise do documentário, partiremos do gênero, seu lugar discursivo e a ideologia que determina sua construção. Por essa razão, o discurso revela-se como um fenômeno social e se estabelece na interatividade. Contudo, o social não seria simplesmente as classes ou o contexto histórico-social, como as ciências mais racionalistas preveem, mas a teia de outros discursos, suas memórias culturais. O contexto é, na verdade, a interdiscursividade através da qual se alarga o alcance espaço-temporal do que seria o "fora" do texto. Consequentemente, não caímos no formalismo radical ou no reducionismo historicista (TERRA, 2018, p.1093).

Uma afirmação que perpassa o conteúdo do vídeo é que as descobertas a respeito do funcionamento do cosmos, dos movimentos da natureza e o descortinar da dinâmica da vida natural revelam a grandeza e sabedoria de Deus, o Arquiteto de tudo isso. Nesse sentido, compreender a criação é ver a beleza do seu Criador. Contudo, essa concepção só é possível com o pressuposto criacionista, o que, talvez, não faria muito sentido para um cientista que está mais disposto em compreender o movimento dos astros e seu funcionamento do que saltar para o reconhecimento de que a divindade é

causa de tudo isso. Mesmo que revele uma Inteligência original, os não religiosos não teriam sensibilidade para esses pressupostos ou isso nem estaria em sua agenda. Para o religioso esta proposta faz muito sentido e contribui com sua experiência, o que seria difícil esperar de cientistas não teístas. Como temos observado, essas afirmações teológicas compõem a ideologia do documentário e determinam a perspectiva da relação entre ciência e fé desenvolvida no vídeo. Como afirmam as discussões atuais, ideologia é uma estrutura mental (as linguagens, os conceitos, imagens do pensamento e os sistemas de representação) empregada por diferentes classes e grupos sociais para dar sentido, definir, figurar e dar inteligibilidade à maneira como a sociedade funciona (HALL, 1996, p. 26). Como conjunto de saberes e imagens, a ideologia cristã será fundamentalmente importante na substância do vídeo.

Contudo, algumas perguntas precisam ser postas para que se problematizem os pressupostos do vídeo. Uma vez que a Bíblia é lida nos espaços confessionais como literal Palavra de Deus e verdadeira, como seria a reação, caso a compreensão do funcionamento natural fosse de encontro ou não se adequasse exatamente à maneira como a Bíblia pensa o mundo ou imagina a organização do cosmos? Um dos entrevistados respondeu que a “ciência é o que se sabe até aqui, e o que se sabe até aqui parece estar em contradição com a Bíblia, mas a ciência avançando pode ser surpreendida” CRISTÃOS NA CIÊNCIA, 2017, 6m56s a 6m58s). Ou seja, ele afirma que há na ciência um espaço do “não saber” que agora, aparentemente, contradiz à Bíblia, mas no futuro poderá se retratar por conta de novas descobertas, as quais se adequarão ou mostrarão que a Bíblia era compatível às suas afirmações. Nesse horizonte, a Bíblia pretende ser um texto adequado à verdade prevista pelo paradigma racionalista moderno. Além de anticientífica, esse trato com o texto bíblico não o considera como obra do Mundo Antigo. Destaca-se também na fala acima a ideia de que na ciência há um saber do “até aqui”, pois esse ainda não está completo. Essa parte mostra a inocência e frágil atualização nos estudos bíblicos atuais. Em relação ao conhecimento sobre o funcionamento da natureza, a Bíblia é percebida como portadora de um saber ainda não alcançado, em um nível ao qual a ciência ainda não chegou e quando chegar admitirá que a Bíblia sempre foi o manual que a ciência precisou consultar, mas por rebeldia não consultou.

Os textos bíblicos foram escritos em um tempo em que a visão de mundo, a compreensão do funcionamento do cosmos e a percepção da *physis* (natureza) eram outras (COLLINS, 2014). Não seria correto, por exemplo, adequar às ciências da natureza em geral as afirmações das Escrituras, pois essas, obviamente, pertencem ao Mundo Antigo, que possuía outro paradigma de conhecimento e diferentes mediadores de acesso à realidade. Consequentemente, não corresponderá ou se adequará às expectativas das

ciências modernas. Por isso, percebe-se que o documentário resvala em pressupostos e posicionamentos fundamentalistas em relação ao texto bíblico.

No mesmo enquadramento do vídeo, outro entrevistado, logo depois do citado acima, afirma que “nós precisamos aproximar a Bíblia da ciência, mas não juntar as duas coisas [...] Devemos tratar como trilhos, próximos o suficiente para que o trem da existência passe sobre eles, mas não tão próximo ou tão distante que o trem descarrile” (CRISTÃOS NA CIÊNCIA, 2017, 7m1s a 7m10s). Com uma perspectiva diferente da fala anterior, estaria essa metáfora defendendo que tanto a Bíblia como as ciências modernas exercem seus saberes cada qual em seu espaço de conhecimento? O proponente tentou afirmar que as pessoas encontram nas ciências e na Bíblia duas possibilidades de explicar a realidade sobre as quais a humanidade segue seu caminho dando sentido à vida? Se sim, essa fala parece defender a relação de autonomia entre ciência e fé. Ian Barbour explica essa abordagem:

A ciência procura explicar dados objetivos, de domínio público, reproduzíveis. A religião indaga sobre a existência da ordem e beleza no mundo e as experiências de nossa vida interior (como a culpa, a ansiedade, a falta de sentido, de um lado, e o perdão, a confiança, a plenitude, de outro.) 2) A ciência formula perguntas objetivas sobre o “como”. A religião formula perguntas pessoais sobre o “porquê”, o sentido e a finalidade, nossa origem essencial e nosso destino (BARBOUR, 2000, p. 33).

Por serem tratados como saberes distintos, ciência e religião possuem traços que não se misturam e são possibilidades separadas/diferentes de compreensão do mundo. Isso impediria fazer com que uma se renda a outra ou as duas se misturem como se estivessem falando da mesma coisa, mas com palavras diferentes. Ainda, é inegável que as ciências humanas, há algum tempo, servem às ciências bíblicas para compreensão dos textos. Muitas pesquisas são realizadas com referenciais teóricos desses campos disciplinares, os quais dão luz aos contextos da Bíblia e promovem diversas releituras. Por outro lado, a Bíblia cristaliza relações, lugares sociais e concepções a respeito do corpo, enquanto as ciências da cultura demonstram a transitoriedade histórica de todas essas coisas. A partir do documentário, e da maneira como ele trata o tema “ciência e fé”, até que ponto as perspectivas modernas a respeito das relações de gênero, funcionamento social etc. poderão “dialogar” com textos bíblicos que se revelam, em vários lugares, incompatíveis aos horizontes das propostas dessas ciências desenvolvidas por estudos da

cultura, neurolinguísticos etc? Como as ciências sociais, por exemplo, comportar-se-iam nesse diálogo diante de textos bíblicos com propostas contrárias aos estudos culturais a respeito de formação étnica e questões de gênero?

As ciências, do espírito (DILTHEY, 1989) ou naturais, sempre serão úteis aos estudos bíblicos e à fé cristã. No entanto, o interesse apologético de qualquer dos dois lados dos pares resultará em pouca contribuição. O documentário não apresenta como seria esse diálogo na prática. Por conta disso, só há falas teóricas e, não poucas vezes, apresentação superficial tanto sobre ciência quanto religião/fé. Por fim, é possível afirmar que o vídeo tem teor propagandista, com pouca reflexão prática, com vozes em contradição, pouco diálogo com a realidade brasileira, perpassado por visão de mundo cristã conservadora e o seu trato com o texto bíblico resvala numa perspectiva fundamentalista.

### ***Conclusão***

Os lugares da ciência e religião no decorrer da história foram sempre mutáveis e intercambiáveis. Até mesmo a descrição desses dois termos passou por transformações. O que conhecemos como ciência moderna, o próprio nome informa, é filho de seu tempo e se estabelece sob o paradigma da Modernidade. Da mesma forma, o conceito “religião” não foi unívoco na história. Um romano ou celta não chamariam seus ritos e práticas sagradas de religião tal qual um cristão medieval ou reformado do séc. XVII. Se por um lado os conceitos são mutáveis de acordo com os contextos histórico-sociais, a relação entre ciência e religião também passou por transformações.

Durante a Modernidade racionalista iluminista, saberes não adequados ao objetivismo mecânico dos métodos científicos eram relegados à falsa consciência, mentira ou mito. Contudo, conforme identificou Boaventura de Sousa Santos,

Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou colectivos [sic], criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade [...]. Estamos no fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem

científica. As condições epistêmicas das nossas perguntas estão inscritas no avesso dos conceitos que utilizamos para lhes dar resposta. É necessário um esforço de desvendamento conduzido sobre um fio de navalha entre a lucidez e a ininteligibilidade da resposta (SANTOS, 2008, p. 18-19).

A ciência, além de romper com o paradigma do sujeito, tem se colocado em diálogo com a virtude. Além disso, precisará dar conta de perguntas também éticas e se relacionará com as “irrelevâncias”, porque o paradigma mudou e estamos falando até mesmo em racionalidade da e na vida: raciovitalismo (MAFFESOLI, 2008). É nesse contexto que nos encontramos e é posta a discussão entre ciência e fé. Consequentemente, mesmo instrumentalizados pela história dessa relação, para as pesquisas atuais, os desafios são novos e precisarão ser respondidos com caminhos heurísticamente adequados.

Assim, a Associação Brasileira Cristãos na Ciência é uma tentativa, com contribuições e limites, para essa difícil tarefa. Neste ensaio, focamos em uma das suas produções, o documentário “O Diálogo Entre Fé Cristã e Ciência no Brasil”, de 2017, no qual observamos a defesa de uma ciência cristã e a dependência da metodologia neo-calvinista holandesa. Em especial, percebemos no documentário um trato conservador com o texto bíblico, o que limitaria os pares desse diálogo. De tantas coisas observadas e dúvidas levantadas, poderíamos terminar perguntando se esse diálogo é, na verdade, uma conversa entre iguais.

### **Referências**

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA CRISTÃOS NA CIÊNCIA. *Estatuto social da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência*. S.l.: ABC<sup>2</sup>, 2019. Disponível em: <[bit.ly/2LcBXgm](http://bit.ly/2LcBXgm)>. Acessado: 18 de jun. 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA CRISTÃOS NA CIÊNCIA. *Quem somos*. S.l.: ABC<sup>2</sup>, 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2fngKDI>>. Acessado: 18 de jun. 2019.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOUR, Ian G. *Quando a Ciência encontra a Religião: inimigas, estranhas ou parceiras?* São Paulo: Cultrix, 2004.
- BARBOUR, Ian G. *Religion in an Age of Science: Gifford Lectures*, v. 1. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1990.
- BARBOUR, Ian. G. *Quando a ciência encontra a religião: Inimigas, Estranhas ou Parceiras*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000.

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- COLLINS, J. J. *Introduction to the Hebrew Bible*. Fortress Press, 2014.
- CRISTÃOS NA CIÊNCIA. [DOCUMENTÁRIO] *O diálogo entre fé e ciência no Brasil*. 2017 (29m46s). Disponível em: <<http://bit.ly/2p89iyw>>. Acessado em: 18 de jun. 2019.
- DILTHEY, W. *Introduction to the Human Sciences*. New Jersey: Princeton University Press, 1989.
- DREES, Willem. *Religion, Science, and Naturalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- ENGLER, Steaven. Teoria da religião norte-americana: alguns debates recentes. *Revista de Estudos da Religião*, n. 4, 2004, p. 27-42.
- FIORIN, José. Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, BETH; SOUZA-E-SILVA, Maria. Cecília. (Org.). *Texto ou discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 146-165.
- GALILEI, Galileu. *Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009.
- GREIMAS, A. J. L'énonciation: une posture épistémologique. In: *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, n. 01, p. 9-25, 1974.
- HALL, Stuart. The problem of ideology: Marxism without Guarantees. In: David, Morley; Chen, KuanHsing. *Stuart Hall: critical dialogues in cultural studies*. Routledge: London; New York, 1996.
- HAUGHT, John F. *Science and Religion: from conflict to conversation*. Mahwah, Nj: Paulist Press, 1995.
- INVESTIMENTO em pesquisa nos EUA sobe em 2017. *Pesquisa FAPESP*, ed. 271, set. 2018. Disponível em: [bit.ly/2IuLayW](http://bit.ly/2IuLayW). Acesso em: 18 de junho. 2019.
- JAPIASSU, Hilton. *Ciências: questões impertinentes*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2011.
- JOHNSON, Phillip E. *Darwin no banco dos réus*: São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- KOYRÉ, Alexandre. *Galileu e Platão*. Lisboa: Gradiva, 1986.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- LAKATOS, Imre. *Historia de la ciencia y sus reconstrucciones racionales*. 2. ed. Madrid: Tecnos, 1987.
- LENNOX, J. C. *Porque a ciência não consegue enterrar Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MAINGUENEAU, D. Peut-on assigner des limites à l'analyse du discours ? In: *Modèles linguistiques* [online], n. 40, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ml/1409#tocto1n1>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- PETERS, Ted. Theology and Natural Science. In: FORD, David (Org.). *The Modern Theologians*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1997.
- POPPER, Karl R. *Alógica da pesquisa científica*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do humanismo a Kant*, v. 2. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1990.
- ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Revelação e vulnerabilidade: caminhos para uma hermenêutica da revelação a partir da presença-ausência*. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- RUARO, Giovana B. SADE. Universidade Federal do Paraná. Trabalho de conclusão de curso. Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Curitiba-PR, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p.18-19.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- TERRA, Kenner R. C. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. IN: *Horizonte*, v. 16, n. 51, set./dez. 2018, p. 1085-1106
- USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2016.
- WIRTH, Lauri Emílio. Religião e epistemologias pós-coloniais. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2016.